

WOLNEY TEIXEIRA

BEA MARTINS



**ENTRE
MONTES
BRANCOS E
ESPELHOS
D'ÁGUA**



WOLNEY TEIXEIRA

BEA MARTINS

WOLNEY TEIXEIRA

**ENTRE
MONTES
BRANCOS E
ESPELHOS
D'ÁGUA
D'ÁGUA
ESPELHOS
BRANCOS E
MONTES
ENTRE**

BEA MARTINS

Sumário

5

APRESENTAÇÃO
Julia Baker

7

BEA MARTINS
bio + fotografias

15

WOLNEY TEIXEIRA
bio + fotografias

24

SOL
texto curatorial • Julia Baker

26

TRANSIÇÃO
João Henrique de Oliveira Christovão

30

O SAL E O TEMPO
Milton Guran

32

FICHA TÉCNICA



Apresentação

Apresentação

A pesquisa apresenta possibilidades de caminhos. A partir de uma curiosidade, às vezes atizada por uma frase ou imagem, expandimos nossos interesses e nos deparando com surpresas que ampliam ou mudam nossos rumos. A exposição *Entre Montes Brancos e Espelhos D'Água* surgiu dessa forma: a partir de buscas sobre Bea Martins para outro projeto em que ela era uma das artistas convidadas, deparei-me com relatos sobre seu trabalho, sua cidade natal, suas inquietações e vontade de dialogar com artistas contemporâneos de Cabo Frio. Wolney Teixeira era uma das pessoas citadas por ela. O nome chamou atenção por não conhecê-lo e resolvi buscar mais informações sobre esse fotógrafo documental.

A primeira ferramenta de pesquisa curatorial na era do digital é o computador. O Google parece conter as respostas para nossas inquietações e dúvidas, mas não nesse caso. Wolney Teixeira não foi uma busca frutífera em minhas primeiras tentativas. Não encontrei um site, não encontrei um instagram, não encontrei uma biografia detalhada na Wikipedia. Apenas algumas notícias em que seu nome aparecia. Trabalhos acadêmicos utilizam suas imagens e as creditam. Uma página de Facebook a ele é dedicada. Continuando minhas investigações, consegui chegar ao catálogo da exposição “Wolney Teixeira: o Sal da Terra” realizada na Caixa Cultural do Rio de Janeiro, em 2011, com curadoria de Mauro Trindade.

Sedenta por mais informações sobre o artista e, principalmente, por imagens de seus registros, consegui adquirir a publicação. A partir dos textos do curador e de ensaístas convidados, descobri não apenas quem era Wolney mas, também, os enredos da Região dos Lagos entre as décadas de 1930 e 1970. A importância do sal é narrada nas páginas não só através da análise dos textos mas, principalmente, pelos registros de Wolney. As salinas, seus trabalhadores, a construção da Companhia de Álcalis, todos esses elementos estão vivos nas fotografias em preto e branco do artista. Junto ao trabalho, Wolney também retratou a relação dos moradores e turistas com a natureza da região em meio ao processo de urbanização. Encontros políticos e festas tradicionais não escaparam de seu olhar. Entre imagens posadas e momentos roubados, sua máquina parecia não ter descanso. Uma urgência de documentar a região e seus sujeitos se faz presente nas imagens.

Uma vida dedicada à região e suas histórias: esse é o legado que Wolney nos deixa através de sua obra. O catálogo, robusto em imagens, não consegue dar conta de um acervo de mais de 5.000 fotografias guardadas com extremo zelo por seu filho, o também fotógrafo Warley Sobroza. Após o contato com sua obra, a ideia da exposição conjunta, citada por Bea, ficou latente em mim.

As obras de Bea são embebidas pelas possibilidades apresentadas pela Região dos Lagos. Seu trabalho com o sal enquanto elemento escultórico, questiona seus usos passados e seus valores atuais. Ao pensarmos que Cabo Frio teve grande expansão devido à atividade de extração do sal, entendemos o desejo de dialogar com o composto e mostrar suas possibilidades comerciais. Bea também demonstra ter uma inquietude com o território. Quando folheamos um álbum de fotografias antigas, com fotos de parentes remotos, um desejo de saber quem são, quais são nossas raízes e se pertencemos é compartilhado por muitos. Bea transforma o território em seu álbum de fotos. Ao utilizar o sal como matéria-prima, transparece o desejo de conhecer o ofício de sua família. Junto com seu trabalho escultórico, em uma visita ao seu ateliê, ela me apresentou fotos da Companhia Álcalis abandonada. Alguns familiares de Bea tiveram relação com o espaço. Ela consegue entrar e fotografar o que, décadas antes, Wolney também registrava. Suas imagens revelam um espaço de momentos interrompidos. Papéis jogados no chão, móveis enferrujados, a imensidão do espaço abandonado, Bea captura todos os cantos da falida empresa. As possibilidades de um futuro ainda não escrito estão lá. Será que a empresa poderá voltar a existir? Ou seu destino final é a demolição? Suas imagens nos fazem questionar.

Bea e Wolney. As múltiplas possibilidades de diálogo pareceram, por um tempo, impedidas de ocorrer devido à falta de verba ou patrocínio. Artistas não institucionalizados possuem mais dificuldades de disseminação de suas obras e, por isso, editais de fomento públicos e privados para a promoção de projetos são fundamentais. A iniciativa do Sesc ao criar, em 2021, o edital Sesc Pulsar, permitiu que transformássemos desejo em matéria.

A partir da expografia, usando o sal como elemento central, criamos uma mostra de fotografias em que as imagens de Bea e de Wolney dialogam, onde as salinas e seus trabalhadores estão em evidência. A exposição seguiu em cartaz entre os meses de julho e outubro de 2023 e, com a intenção que a pesquisa sobre os dois artistas tivesse longevidade, propomos um catálogo no formato de e-book. Na publicação incluímos as obras dos artistas, registros da montagem da exposição, texto curatorial e dois ensaios produzidos por autores convidados.

No início da apresentação foi colocado que uma pesquisa apresenta caminhos infinitos. Um dos caminhos investigados, acabou por nos levar a corporificação dessa exposição. Esperamos que ela seja o início de novas leituras e abordagens sobre as obras e artistas apresentados.

Julia Baker



BEA MARTINS

BEA MARTINS

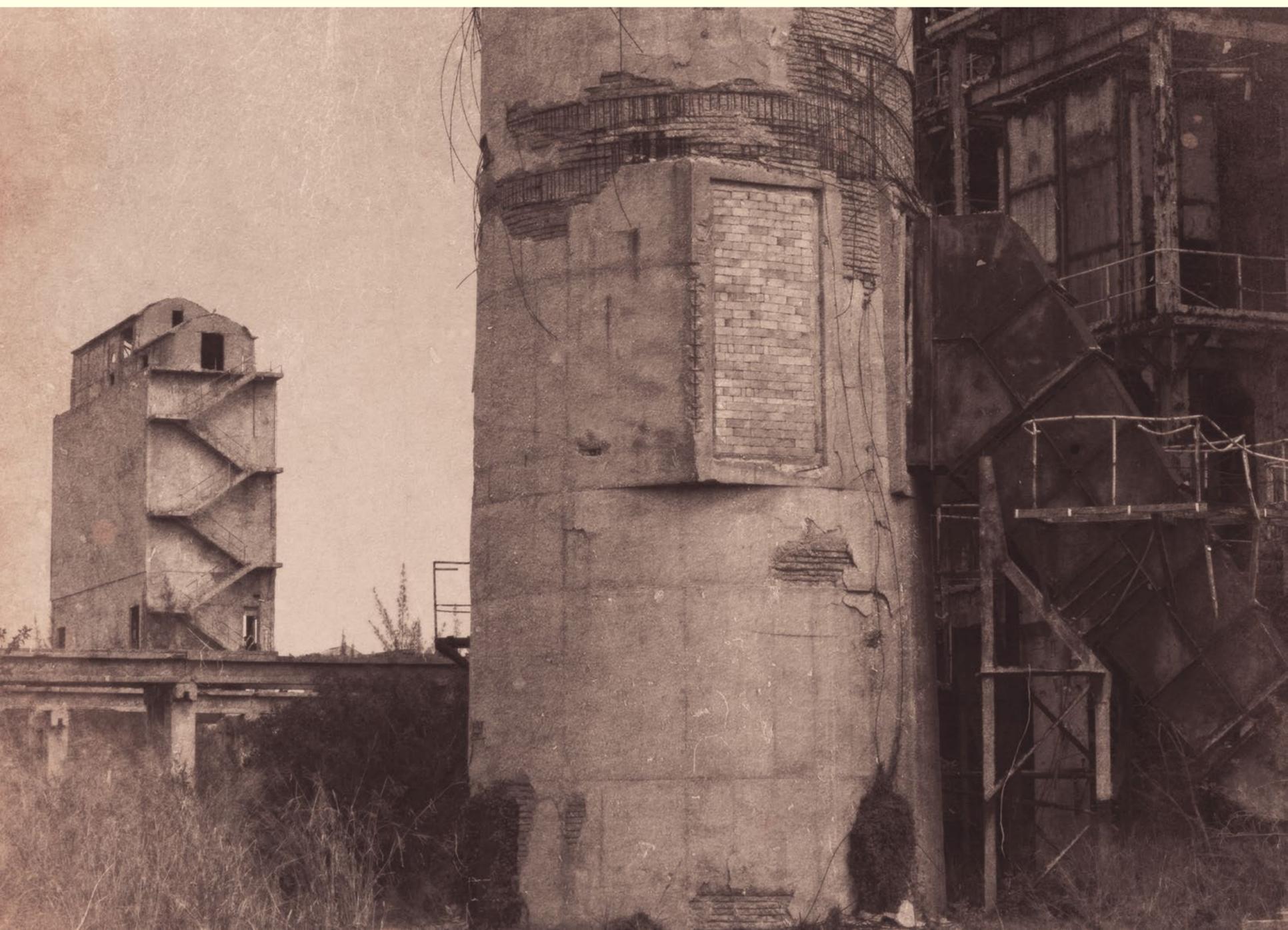
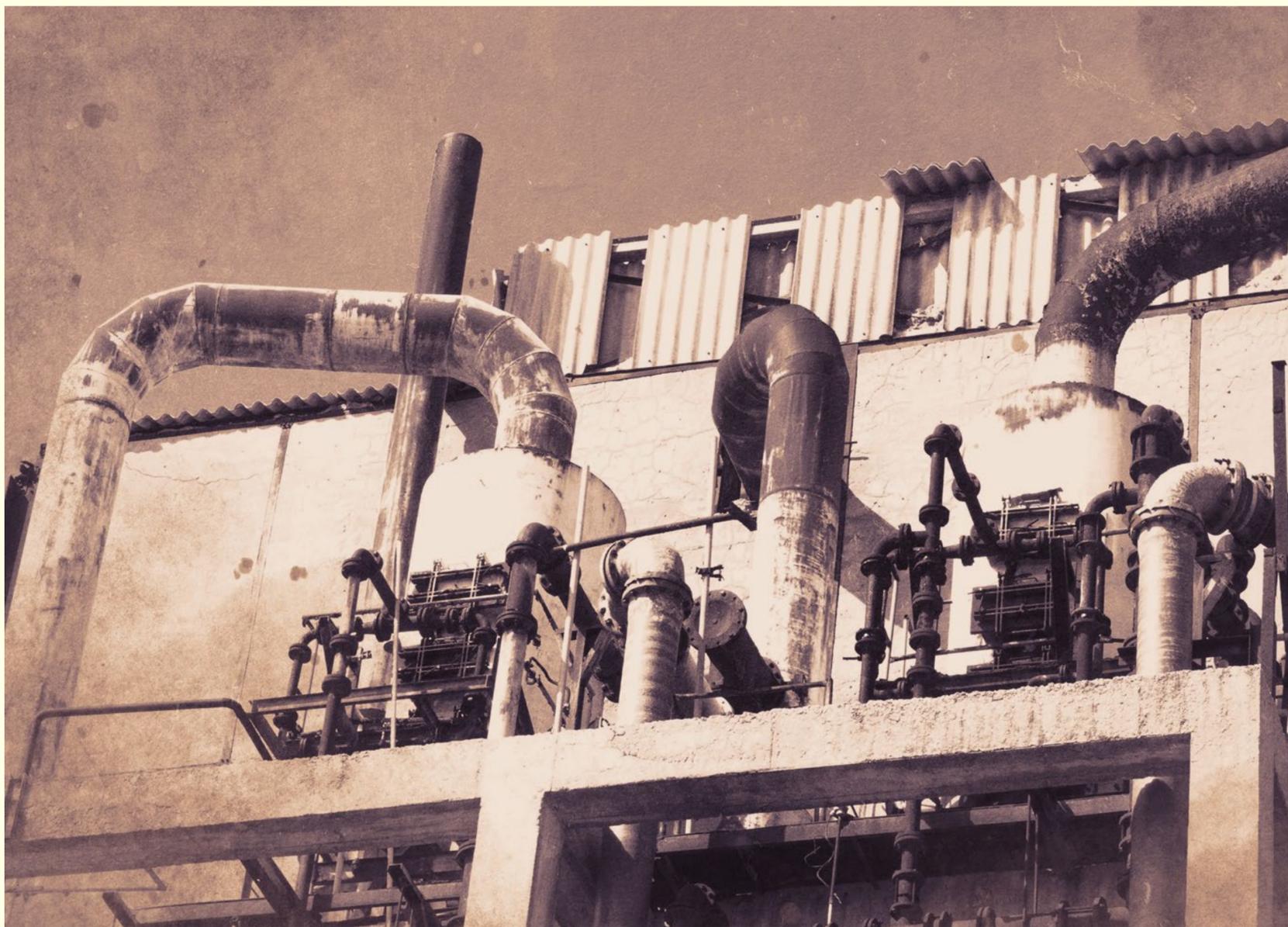
(1990)

Escultora com formação na Escola de Belas Artes da UFRJ. Mestre em Estudos Contemporâneos das Artes pela UFF. Vive e trabalha na cidade do Rio de Janeiro. Artista cabofriense, sua produção em arte se dá a partir de esculturas, instalações, desenhos, fotografias e vídeos.

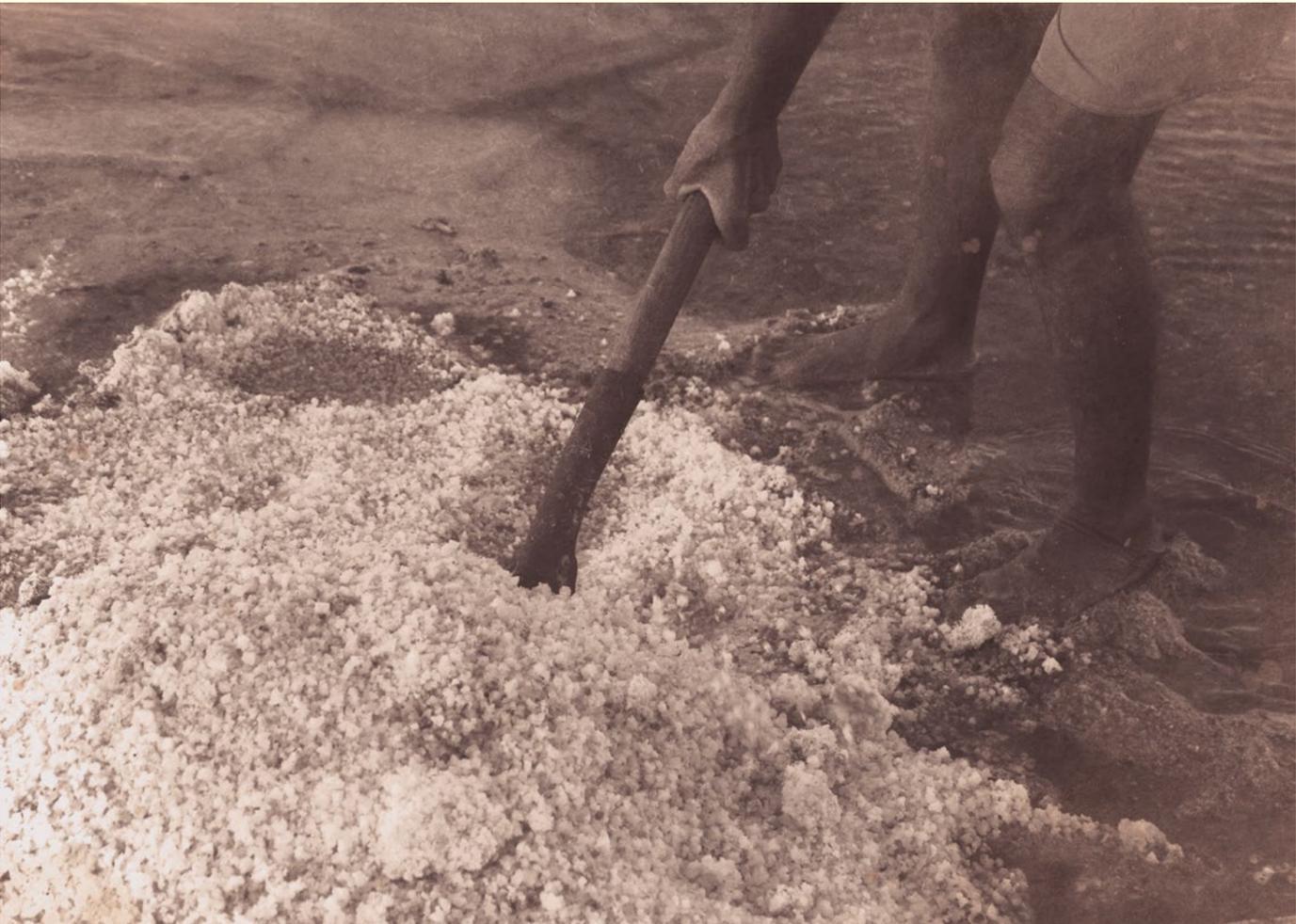
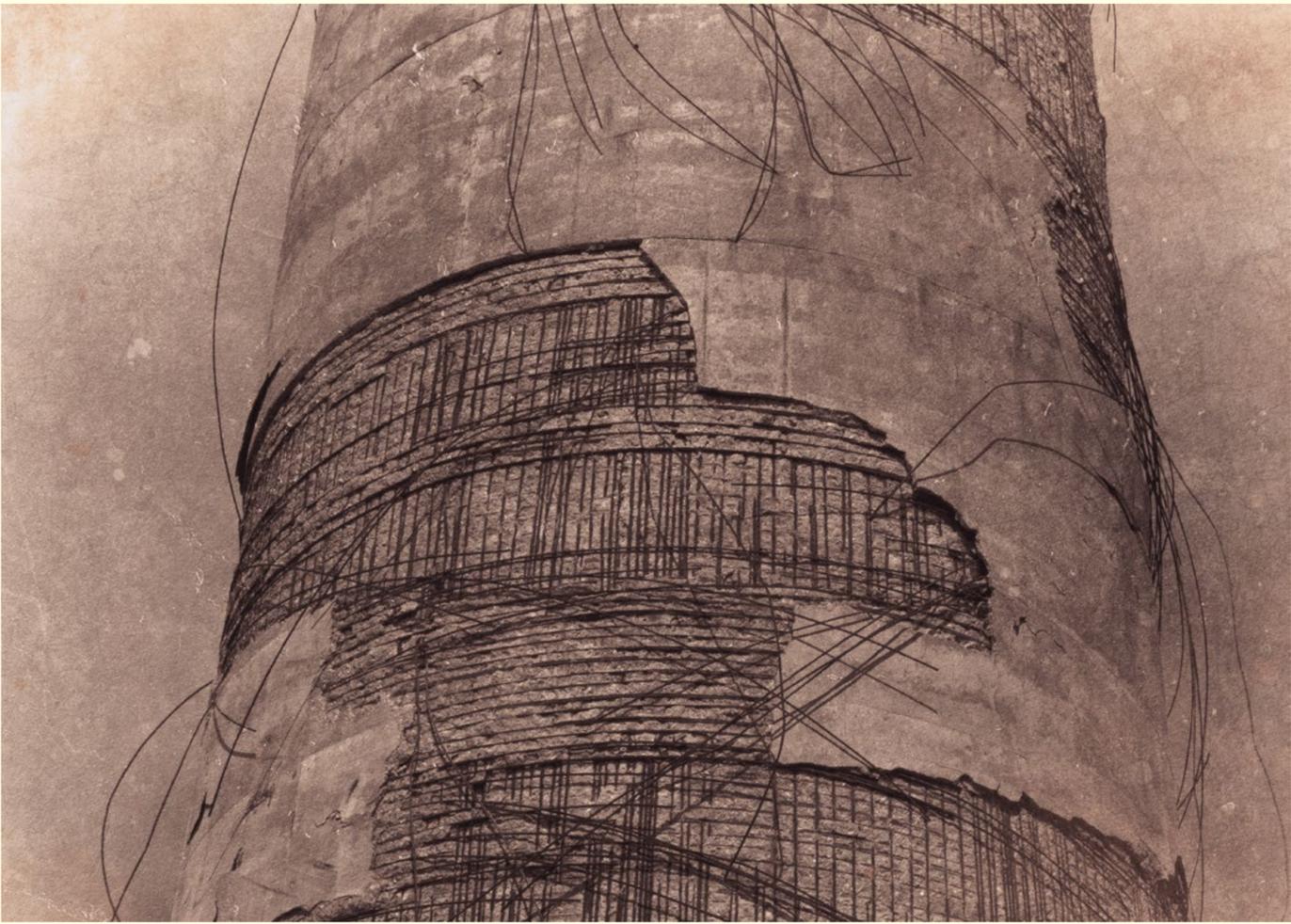
Em suas obras trabalha o deslocamento de matéria com foco em elementos da natureza. Os fenômenos naturais, as mudanças do meio ambiente, as transformações de espaços urbanos são objetos de pesquisa da artista, que tem uma prática conectada com educação, inovação social e justiça climática.

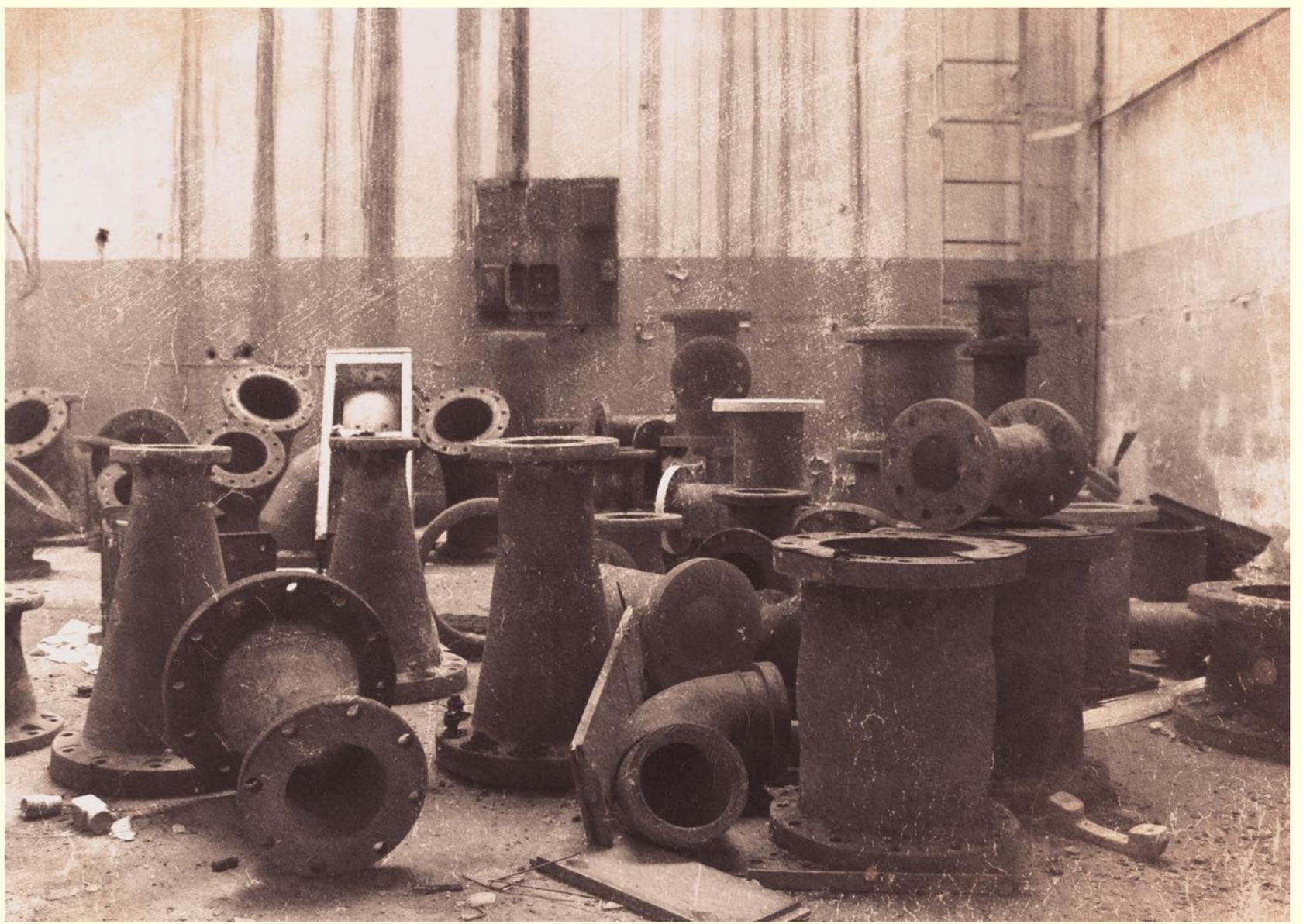
Bea é uma observadora dos movimentos do cotidiano que afetam a vida de diferentes formas, e acabam por reverberar em transformação do tempo, do espaço, de objetos, e estruturas sociais.

Frequentou cursos livres na EAV Parque Lage, onde foi contemplada com o 1º Prêmio Reynaldo Roels Jr. (2015) e expôs a obra 'Salário' na Feira ArtRio; foi premiada com a Bolsa 'Estímulo à Experimentação e Criação Artística' (2016) pela Faperj. Participou de exposições como 'Limiares' no Paço Imperial-RJ, '5º Prêmio EDP' no Instituto Tomie Ohtake-SP, 'Intervenções - entre XIX e XXI' no Museu Nacional de Belas Artes do Rio (2017), 'Agora somos mais de mil' na EAV Parque Lage, 'Ao amor do público' e 'Mulheres na Coleção MAR' no Museu de Arte do Rio (MAR).

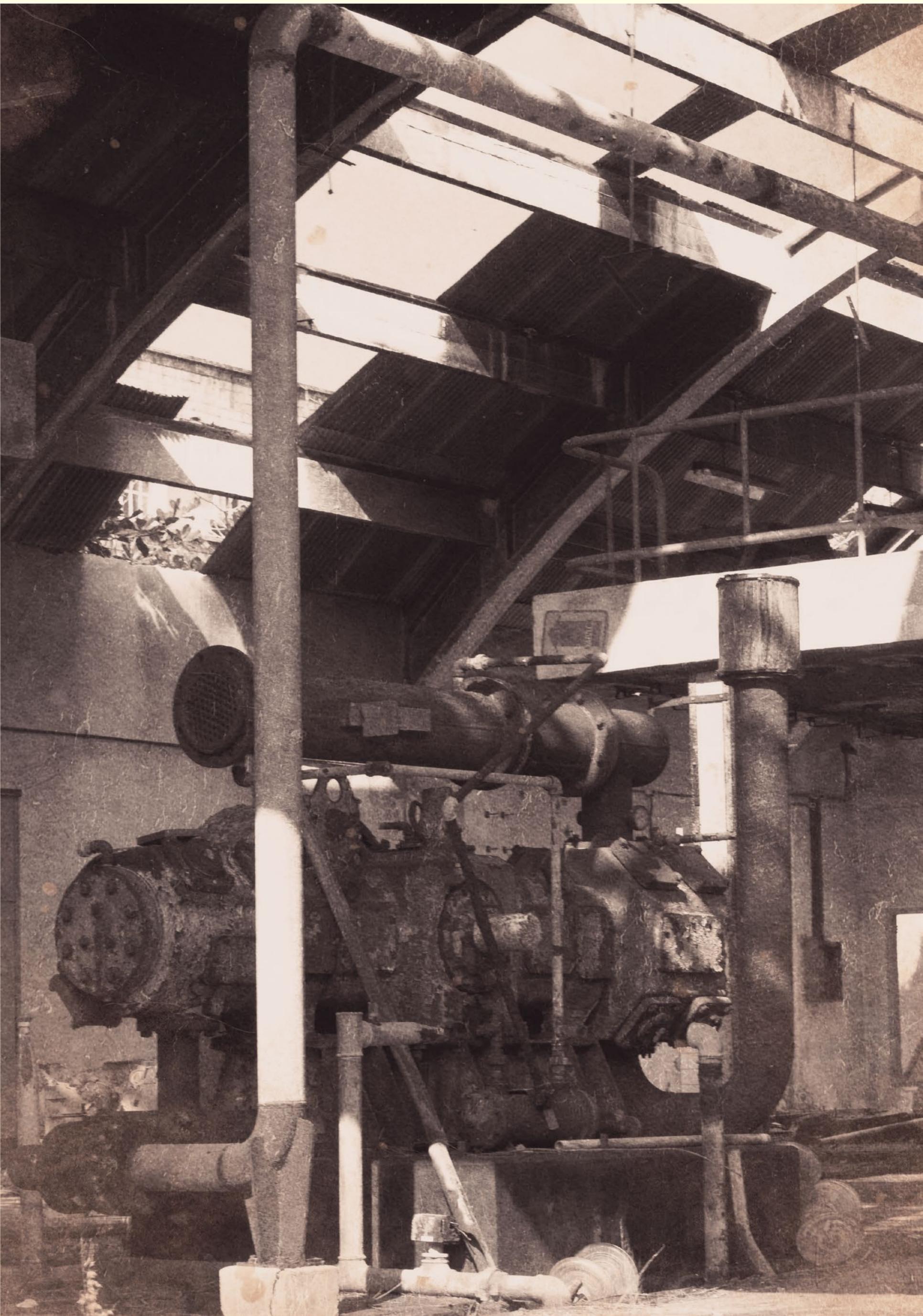














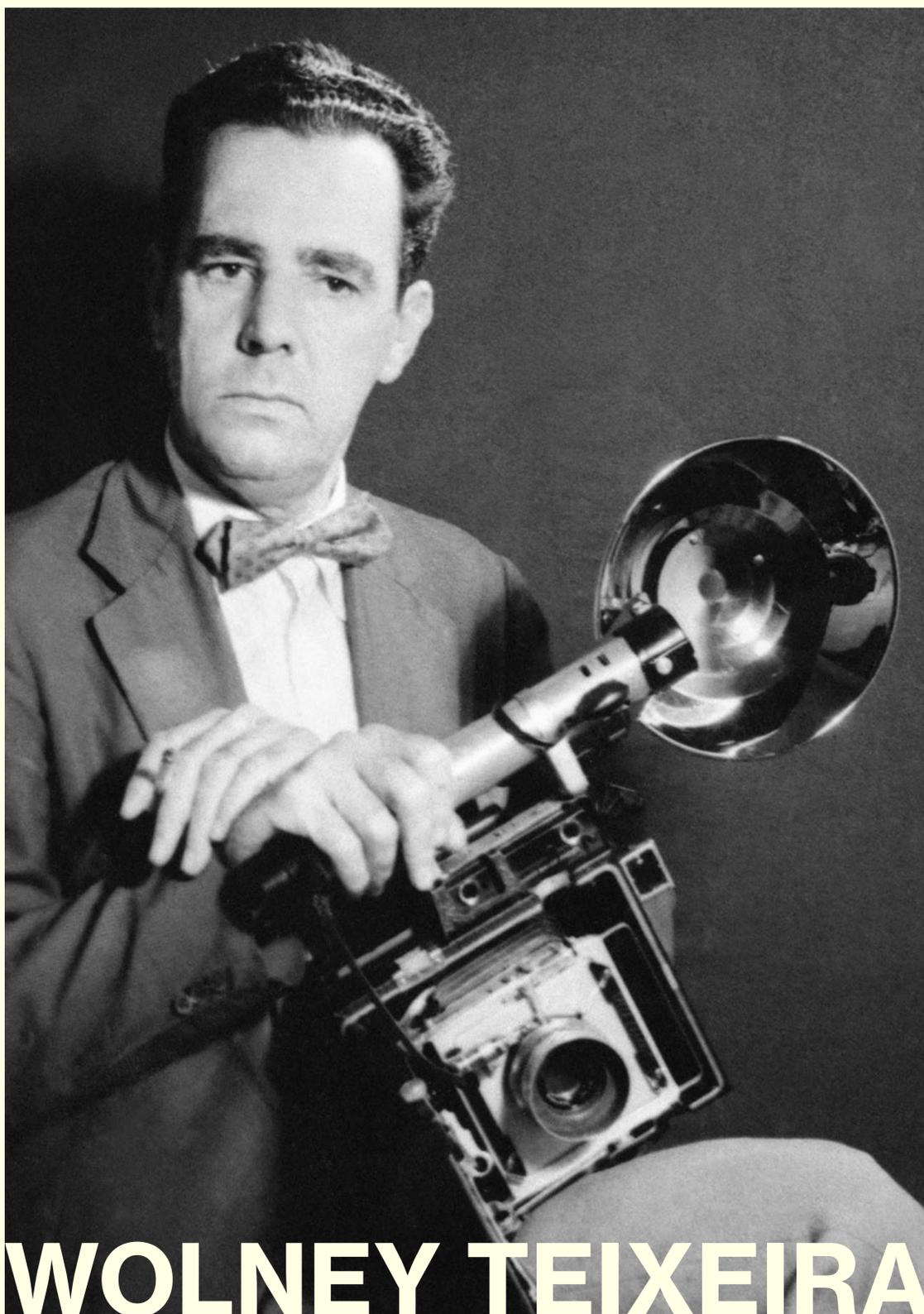
Bea Martins

Entre montes brancos e espelhos d'água [série]

2017-2023

Nitrato de prata sobre papel salgado

Acervo da artista



WOLNEY TEIXEIRA

МОГНЕХ ТЕИХЕИВА

(1912-1983)

A fotografia parece correr pelas veias da família do artista. Seu pai, Antônio Motta de Souza, se aventurou pela arte, chegando a treinar na capital fluminense, Rio de Janeiro, com Augusto Malta, porém abandonou a vida de fotógrafo em busca de um sustento com maiores garantias. Wolney não teve educação formal em relação a fotografia. Até os dez anos morava com seus avós paternos em um sítio localizado em Caveiras, localizado na área rural de São Pedro da Aldeia. Quando se muda para Cabo Frio, se encanta pela fotografia ao acompanhar seu pai em suas saídas e, com 20 anos já está empregado como fotógrafo. Na época passou por inúmeras dificuldades e conseguiu sustento realizando fotografias por encomenda: fotos para documentos, registros de aniversários ou casamentos.

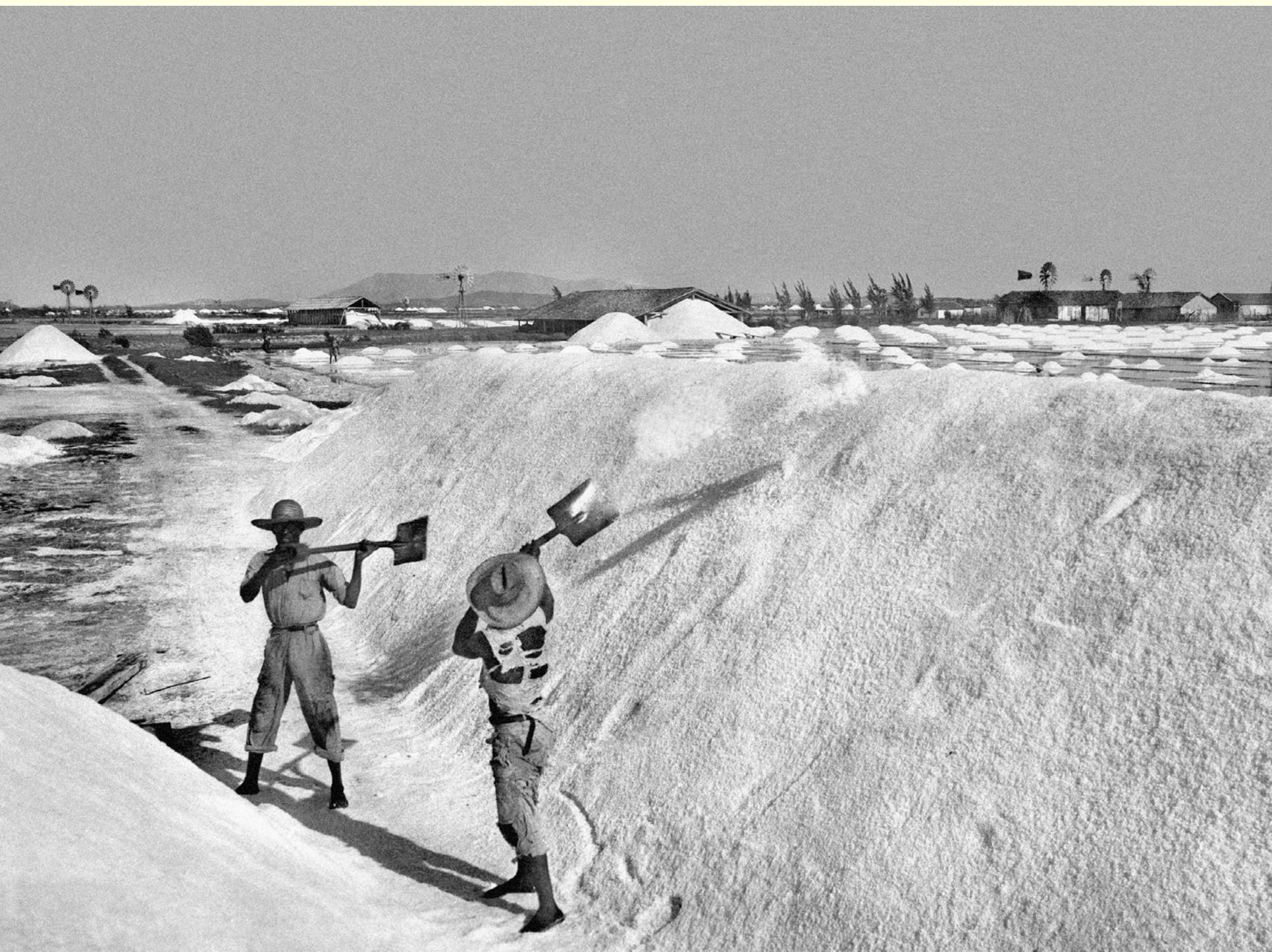
Wolney circulava entre a região dos Lagos. Búzios, Cabo Frio, São Pedro da Aldeia eram alguns dos municípios que visitava para conseguir clientes. Por ser conhecido pelos moradores da região, era chamado para registrar comícios, encontros políticos, festas religiosas e atividades promovidas pelas prefeituras. Por encomenda pode fotografar os salineiros. Para além das encomendas, Wolney fotografou as mudanças urbanas de sua região. Por sua lente vemos as alterações da paisagem, as mudanças econômicas e diferentes personagens de cidades associadas, atualmente, ao turismo e ao verão. O acervo de Wolney marca uma época de Cabo Frio. O artista faleceu em sua cidade e seu legado segue espalhado em pesquisas e na memória dos antigos moradores.



no topo
Wolney Teixeira
Salineiros aumentam a grande pirâmide de sal grosso conhecida como meda.
Cabo Frio, 1948
Fotografia
Acervo Warley Sobroza

na base
Wolney Teixeira
Lançã salineira na laguna e ponte Feliciano Sodré.
Cabo Frio, 1949
Fotografia
Acervo Warley Sobroza





no topo da página anterior

Wolney Teixeira
*Salinas Perynas em Plena
Produção.*

Cabo Frio, 1948

Fotografia

Acervo Warley Sobroza

na base da página anterior

Wolney Teixeira
*Trabalhadores da resistência
do porto de Cabo Frio,*

1955

Fotografia

Acervo Warley Sobroza

nesta página

Wolney Teixeira
*Salinas Viveiros em plena
produção.*

Cabo Frio, 1948

Fotografia

Acervo Warley Sobroza



no topo

Wolney Teixeira
*Salinas Perynas em
Plena Produção.*

Cabo Frio, 1948

Fotografia

Acervo Warley Sobroza

na base

Wolney Teixeira
*Trabalhador nas
Salinas Perynas.*

Cabo Frio, 1948

Fotografia

Acervo Warley Sobroza





na página anterior

Wolney Teixeira
*Carregamento de Sal
pela Resistência.*

Cabo Frio, 1955

Fotografia

Acervo Warley Sobroza

Wolney Teixeira
*Galpão da Companhia Nacional
de Álcalis em Construção.*

Arraial do Cabo, 1955

Fotografia

Acervo Warley Sobroza



no topo

Wolney Teixeira

Galpões de Cabo Frio no Porto de Itajuru. Em primeiro plano o barqueiro espera o fotógrafo.

Cabo Frio, 1948

Fotografia

Acervo Warley Sobroza

na base

Wolney Teixeira

Porto da Passagem no Canal do Itajuru. Transporte de Sal.

Cabo Frio, 1955

Fotografia

Acervo Warley Sobroza



Sol e mar. Sal e água. Os binômios formados por essas palavras nos remetem a espaços de veraneio, cidades com memórias afetivas dos tempos de férias e verão. No estado do Rio de Janeiro, a região dos Lagos é destino tradicional para feriados prolongados ou férias escolares. Sua construção enquanto espaço de turismo iniciou-se na década de 1970 devido ao encurtamento da distância promovido pela inauguração da Ponte Rio Niterói, em 1974. Mas antes da criação de uma identidade balneária, a região, com destaque para a cidade de Cabo Frio, tinha outras características naturais que foram exploradas desde o período colonial: extração de madeira e sal foram as principais atividades ainda nos séculos XVIII e XIX. E, ao longo do século seguinte, o sal continuou figurando como principal meio de subsistência dos moradores da região.

Apesar de não registrar uma extração tão volumosa como a do Rio Grande do Norte, devido a estratégias do governo e à proximidade com o principal porto do país, as salinas de Cabo Frio e região tiveram seu auge entre as décadas de 1950 e 1970. A criação da Companhia Nacional de Álcalis - CNA (1943), que começou a funcionar em 1958, provocou alterações nos fluxos de pessoas e na paisagem da cidade.

Como a vida do cabofriense é afetada? Como o sal se torna matéria-prima de subsistência e personagem central no cotidiano dos diferentes sujeitos da Região dos Lagos?

Muitas perguntas podem ser feitas e as respostas para nossa curiosidade podem ser vislumbradas no olhar sensível e atento do fotógrafo Wolney Teixeira. Morador de Cabo Frio durante a era de ouro da produção e extração do sal, Wolney seguia com sua câmera o dia-a-dia da cidade em momentos de trabalho ou festividades. Na exposição, mostramos uma seleção de imagens feitas a partir do *devir* salineiro. As salinas, os trabalhadores da resistência, os veleiros: todos os elementos se apresentam pelo seu olhar em anos de prosperidade nos quais o país parecia avançar economicamente. Wolney apresenta uma documentação imagética necessária do cotidiano dos trabalhadores nas salinas.

Sal é matéria-prima na captura das imagens e no processo de revelação das fotografias de Bea Martins. Em diálogo com o olhar de Wolney, décadas após seus registros, Bea volta as salinas e à CNA. Abandonada ao seu próprio destino, os vestígios da Companhia atestam grandeza, mas sem os indícios da prosperidade de outrora. Um fantasma das possibilidades é retratado por Bea no conjunto da série que dá nome à exposição. *Entre montes brancos e espelhos d'água*, o que encontramos agora? Quais possibilidades se apresentam? Um futuro a partir do sal ainda é possível? Mais do que responder aos questionamentos, o desejo da exposição é mostrar um pedaço da história de Cabo Frio, lar dos dois artistas que compõem a mostra. Apesar de seus caminhos não terem se cruzado em vida, a poética das imagens cria um diálogo entre passado, presente e possibilidades.

Julia Baker

Trabalha com pesquisa e curadoria em artes. Doutoranda no programa de Artes da Cena na UNICAMP, mestre em História, Política e Bens Culturais (CPDOC/FGV); possui especialização em História e Arquitetura da Arte no Brasil (PUC/RJ); graduada em Ciências Sociais (UERJ) e Produção Cultural (UFF). Integrou a equipe curatorial do Museu de Arte do Rio (MAR) entre 2013 e 2018, atuando na pesquisa e elaboração de múltiplas exposições, dentre elas *Dja Guata Porã* (2017), *Linguagens do Corpo Carioca* (2016) e *Tarsila e Mulheres Modernas no Rio* (2015). É uma das fundadoras da coletiva de curadoria e pesquisa *NaPupila* e sócia da empresa *Bomba Criativa*. Em 2022 fez a curadoria da exposição “*Pelas Ondas do Rádio*”, selecionada no edital EXPOMIS do Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro, fez o texto curatorial da exposição “*a respeito do fracasso e de outras virtudes*”, individual do artista rafael amorim no Sesc Ramos (edital Pulsar Sesc). Também realiza curadorias virtuais, com destaque para as exposições coletivas *Imersões Digitais* (2021) e *Independência ou Morte - Descolonizando o Grito* (2023). Em 2023 lançou o livro “*Representações de uma independência*” através do edital *Retomada Cultural 2 / Secec*.



Transições

Após ver as imagens da exposição “Entre montes brancos e espelhos d’água” tive a imediata necessidade de parar por alguns minutos para poder refletir sobre o impacto que as imagens de Wolney Teixeira e Bea Martins me causaram. A primeira coisa que me veio a mente foi uma frase da filósofa Marilena Chauí na belíssima apresentação que ela faz ao livro “Memória e Sociedade” da psicóloga Ecléa Bosi. No texto “Os trabalhos da Memória”, Chauí afirma: **“Nada mais pungente em seu livro, Ecléa, do que a frase dezenas de vezes repetida pelos recordadores: ‘já não existe mais.’”**¹

A fotografia, assim como o sal, preserva. Ela tem o poder de parar o tempo, fazer um recorte na paisagem e cristalizar numa superfície, um determinado momento. A fotografia afronta o tempo, ela o interpela, o confronta e, no entanto, ele segue, impárravel, o seu curso. Nem a imagem retida pelo fixador nem o sal colhido, curtido e doído na pele daqueles que o produziram são capazes de deter o tempo.

Entretanto, se pararmos por um instante para analisar com atenção, perceberemos que, antes de serem antagônicos, a fotografia e o tempo possuem algo de complementares. A imagem é, em certa medida, e em alguns casos, a linguagem poética do tempo, é o suporte material que aviva a memória e que, quando públicas, acabam por dar sentido a uma determinada identidade.

A origem da região do entorno da Laguna de Araruama, assim como o resto do território brasileiro, está ligada aos processos de conquista do território, extração do pau-brasil, exploração e extermínio da mão-de-obra de negros africanos e indígenas dessa parte da América. Todos esses são aspectos comuns ao processo de conquista e exploração de todo o território brasileiro.

São, pois as especificidades e não aquilo que temos de ordinário que é responsável por diferenciar cada região desse vasto território. No caso da Araruama, o que diferenciava essa região de todas as demais, era a produção de sal.

Das últimas décadas do século XIX até a década de 1970, aproximadamente, o sal produzido no entorno da Araruama foi responsável, não apenas por parte significativa dos recursos econômicos dos municípios banhados por suas águas, mas também pela construção de uma identidade. As cidades próximas à laguna eram as cidades praianas e salineiras e sua população era comumente referida como pescadores e salineiros. Cabe aqui uma ressalva: salineiros não eram apenas aqueles que trabalhavam nas quadras das salinas, mas sim todos que faziam parte da cadeia produtiva do sal. Nesse sentido, eram salineiros: os estivadores, os arrumadores, os remadores lacustres e, evidentemente, aqueles que exerciam seu trabalho diretamente nas quadras de sal.

É provável que Wolney não estivesse preocupado em conceituar teoricamente os salineiros, mas, de alguma forma, ao apontar a sua objetiva para aquilo que ele reputava importante na região como um todo e na cidade de Cabo Frio, em particular, ele acabou montando um painel da sociedade local e construiu um acervo singular que fala, como poucos, dos trabalhadores do sal.

O acervo Wolney não está catalogado, não há uma espécie de instrumento de pesquisa que classifique as imagens e oriente os que têm o privilégio de acessar esse material, mas, ainda assim, o acervo fala. De alguma forma o acervo conduz nosso olhar e, não raro, há uma coerência nos produtos e trabalhos que nascem a partir dele. Esse é o caso da exposição “Entre montes brancos e espelhos d’água”. Nela os trabalhadores do sal estão retratados em toda

¹ CHAÚÍ, Marilena de Souza. Os trabalhos da memória. In: BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembrança de velhos – São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p.19 (Texto de apresentação da obra de Bosi).

sua força, potência e beleza e, mesmo que a curadoria não tenha tido a intenção explícita (não sei se teve) de conceituar o salineiro é possível perceber diferentes aspectos desses trabalhadores ali retratados em toda a sua diversidade e intensidade. Os salineiros dessa exposição não aparecem apenas nas quadras de sal, diante dos montes brancos com seus instrumentos de trabalho – o rodo, a pá, o cesto, o carrinho de mão, o chapéu, etc – eles estão presentes na figura dos remadores lacustres que não aparecem na cenas onde vemos as lanças de sal nas águas do canal do Itajuru, estão presentes nos estivadores e arrumadores que aparecem posando dentro de um galpão de sal ou carregando os sacos por sobre as pranchas para os navios no cais.

Os salineiros estão presentes, também, na imagem em que o fotógrafo cuidadosamente monta uma cena e compõe um quadro com uma riqueza infinita de detalhes em que cada elemento é pensado e possui uma função. Como nos ensina John Berger, “Uma fotografia, ao registrar o que foi visto, sempre e por sua própria natureza se refere ao que não é visto” (BERGER, 2017; p. 39). Nessa imagem, em particular, um velho pescador foi posicionado sentado em seu bote em primeiro plano à margem esquerda da cena; a folhagem da vegetação é utilizada para servir de mol-

dura e, ao fundo, expressando a sua imponência e refletidos no espelho d’água do canal destacam-se os galpões de sal do cais da Passagem. A cena é icônica. Nesse quadro emoldurado a luz assume diferentes papéis, ora exaltando, ora apagando os elementos da cena. Nela estão presentes a pesca, o canal que é o meio para o qual a cidade à época estava voltada, os galpões de sal e o cais. Há ali os elementos que se mostram e aqueles que não se mostram mas que também estão presentes. A imagem é quase uma síntese da trajetória percorrida pelo fotógrafo ao longo das suas cinco décadas de atividade e, nesse sentido, faz todo o sentido ela estar ali.

As imagens de Wolney presentes nessa exposição fazem parte de um acervo que é capaz de contar uma mesma história de inúmeras formas diferentes. Elas refletem um itinerário centenas de vezes percorrido pelo autor e por ele inúmeras vezes retratado. Não há um significado único nessas imagens, mas significados possíveis, de acordo com a quantidade de informação e a capacidade de compreensão que cada um de nós dispomos quando nos propomos a lê-las.

Wolney nos legou uma cidade. Não A cidade ou A região, NÃO! Wolney não nos legou Cabo Frio, mas A Cabo Frio dele, posto



que a cada disparo do obturador era a visão dele que era impressa no negativo.

Wolney quis e produziu um material que mostra o olhar dele sobre a cidade e a região. A cidade de Wolney se pretende uma cidade ideal. Não para ele, mas para aqueles que a admiram apenas de forma nostálgica. A Cabo Frio nostálgica que emerge do acervo Wolney é a cidade que atingiu o seu auge, uma cidade onde a atividade econômica flui sem transtornos, uma cidade em que sua estrutura urbana se impõe seja pela ponte, seja pelo cais, ou ainda pela estrutura em construção do galpão da empresa estatal que então ali se estabelecia. Mesmo os trabalhadores retratados no momento do duro e extenuante trabalho nas salinas estão em harmonia com o conjunto do acervo, posto que a beleza das imagens que ele nos lega, acabam por omitir o preço amargo da lida com o sal e extraíndo dali uma certa beleza poética que na maioria das vezes é admirada sem que se exerça uma crítica. Essa é a cidade de Wolney e não há como não a amar, admirá-la e lamentar o seu fim, por mais paradoxal que possa ser.

Indiferente às imagens registradas o tempo segue seu rumo e, na outra ponta do fio, uma outra artista expressa uma outra Cabo Frio também em imagens fotográficas.

Bea Martins captou o fim de uma era, mas não da era retratada por Wolney. Ainda que haja uma enorme tentação em ligar um a outro, sobretudo quando expostos lado-a-lado, há que se atentar para os detalhes. Bea possui uma sensibilidade própria e querer uni-los de modo que um explique o outro ou que um seja a consequência do outro seria um equívoco.

A cidade de Bea Martins é, em todos os aspectos, uma cidade que não é a de Wolney. É sobre uma outra cidade que ela fala. “Entre montes brancos e espelhos d’água” há tempos e espaços tão diversos quanto diversos são os olhares dos dois artistas. As ruínas sobre as quais Bea Martins constrói a sua obra ao invés de celebrar uma cidade

harmônica lança questões sobre os caminhos que ainda estão por ser percorridos. As transformações ocorridas entre os tempos dos dois artistas possuem, evidentemente, mais elementos do que aqueles expressos na exposição e, a cidade decomposta, tantas vezes desfeita e reconstruída nos convida, a partir da obra dos dois artistas a refletir sobre as transições e as inúmeras identidades que assumiu ao longo do tempo.

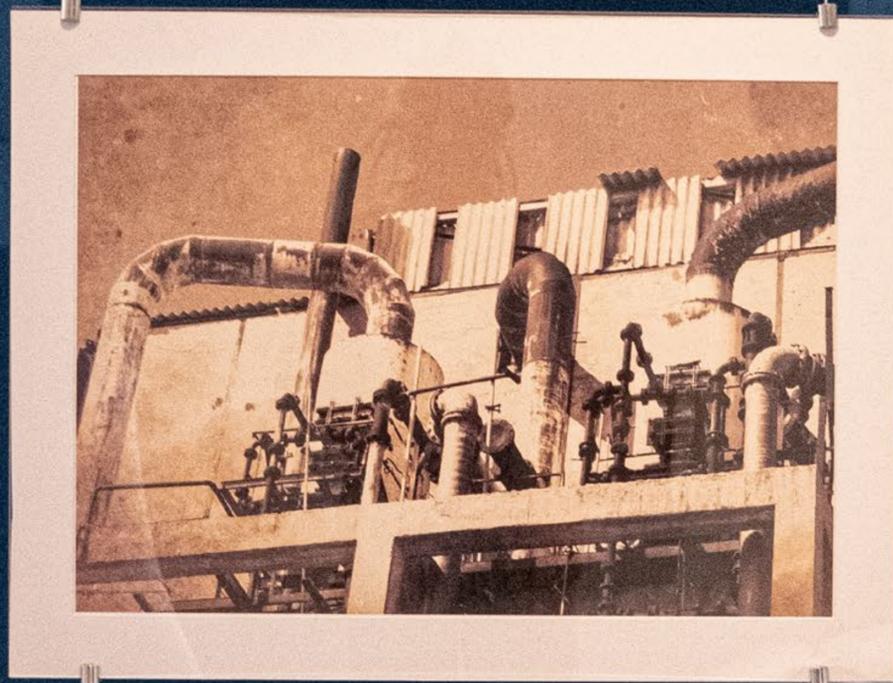
O sal, o sol, a barrilha, o turismo, os trabalhadores nos diferentes momentos e atividades, as políticas públicas locais e nacionais e seus impactos na vida da cidade e de seus cidadãos. Tudo, enfim.

O que veio no tempo de Wolney ou o que veio no tempo de Bea, aquilo que veio antes dos dois e o que ainda está por vir são, ao fim e ao cabo, os elementos sobre os quais Wolney Teixeira e Bea Martins nos convidam a refletir.

É necessário atentar para as transições, para as diferentes identidades e para os processos que as transmutam. É necessário atentar para as mudanças, afinal, conforme a frase atribuída a Heráclito: “A única coisa que permanece é a mudança”.

João Henrique de Oliveira Christovão

Doutor em História pelo Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais do CPDOC/FGV (12/2020). Mestre em História Social pela FFP/UERJ (2011). Possui graduação em História (1993) e especialização em História do Brasil (2004) pela Universidade Federal Fluminense. É professor do ensino fundamental da rede pública municipal da cidade de Cabo Frio desde 1998 e da cidade do Rio de Janeiro desde 2001. É pesquisador do Laboratório de Estudos de História dos Mundos do Trabalho - LEHMT/UFRJ desde dezembro/2020. Atuou como professor convidado no Instituto Federal Fluminense/campus Cabo Frio no período compreendido entre 2010 e 2016 lecionando e desenvolvendo pesquisas sobre Educação e a História da região.



O Sal e o Tempo Jewbo O 29J 6 0

Assim como se nada fosse, questões instigantes surgem das várias camadas de sentido na leitura dessas fotografias de Bea Martins e Wolney Teixeira.

As imagens bem harmonizadas, com uma bela luz e uma proporção perfeita formada por massas e linhas que se combinam com maestria, sempre nos encantam. São belas, mas são exemplos do talento e da maestria do autor em dominar a linguagem fotográfica, o que não é pouco. No entanto, uma fotografia pode ir muito mais além, porque sempre representa um pedaço do mundo visível que vem carregado de vida, de sentido, de memória.

É nesse registro que as obras de Bea e Wolney se destacam, numa combinação de rara felicidade. Além da beleza formal, elas encerram uma dimensão histórica e existencial traduzida pela aplicação de duas vertentes do fazer fotográfico, a documentação e o campo expandido pela construção de sentido a partir de um conceito aplicado pelo autor. No nosso caso, autora. Neste conjunto de imagens, nos vemos às voltas com dois bens preciosíssimos. Um de ordem material, que é o sal. O outro bem precioso, esse de natureza mais transcendental, é o tempo.

O sal é um marco civilizatório na história da humanidade, celebrado em diversas épocas e diferentes sociedades como o mais precioso dos bens. De tanto valor, foi padrão de troca econômica e deu na palavra salário, que designava o pagamento dos soldados das legiões do antigo Império Romano.

A fotografia é um pedaço de tempo que passou, mas que guarda a nossa marca, é um pedaço de nós. Ela é sempre um atestado de presença para quem a produziu e para quem aparece na imagem, bem como para a paisagem e a sociedade a ela ligada. Naquele pedaço de papel está gravada uma parcela das nossas vidas, a do autor e a do observador.

O tempo sempre pertenceu aos deuses. A fotografia, ao reter o instante, surgiu como uma dádiva, um instrumento mágico na recuperação da coisa vivida, como essa coleção de imagens tão bem expressa.

Sal e tempo, trabalho e memória, construção e transcendência são as dimensões que acabam por nos conduzir a essa viagem tão especial através de montes brancos e de espelhos d'água.

Milton Guran

Milton Guran é fotógrafo, curador e antropólogo, doutor em Antropologia (EHESS, França, 1996), com pós-doutorado na USP (2004-2004), e mestre em Comunicação Social (UnB, 1991). Dentre suas publicações, destacam-se *Encontro na Bahia 1979* (1979), *Linguagem fotográfica e informação* (1992) *Agudás – Os Brasileiros do Benin* (2000), *Gente não é lixo* (com Ana Sallas, 2020), e o site www.acervoaguda.com.br, projeto ganhador do Prêmio Rumos Itaú, dentre outras obras e artigos no campo da fotografia e da antropologia. Foi um dos fundadores da AGIL Fotojornalismo (Brasília, 1980) e fotógrafo do Museu do Índio. Desde 1978, trabalha com documentação sobre os povos originários no Brasil e sobre questões identitárias na África Ocidental. Em 2003, criou o FotoRio – Encontro Internacional de Fotografia do Rio de Janeiro, inicialmente bienal depois anual. Ganhador por duas vezes do Prêmio Marc Ferrez da Funarte, da Bolsa Vitae, do Rumos Itaú - Patrimônio e dos prêmios ORI, da Prefeitura do Rio, e Ori-laxé do *Afroreggae*, foi agraciado com a Ordem do Rio Branco e com a Ordem do Mérito Cultural do Governo Federal.



FICHA TÉCNICA EXPOSIÇÃO

SESC RJ

Presidente da Federação do Comércio do
Estado do Rio de Janeiro / Fecormécio RJ
ANTONIO FLORENCIO DE QUEIROZ JUNIOR

Diretora Regional
REGINA PINHO

Diretor de Programas Sociais
FERNANDO ALVES DA SILVA

Diretor de Desenvolvimento Institucional
FABIO SOARES

Diretor de Comunicação e Marketing
HEBER MOURA

Gerência de Cultura
CHRISTINE BRAGA
(Gerente)

FABIANA VILAR
(Coordenadora Técnica)

BERNARDO MARQUES
(Analista de Artes Visuais)

FELIPE CAPELLO
(Analista de Artes Visuais)

Unidade SESC Niterói
VERA TINOCO BARBOSA
(Gerente)

LUCIANA CHEBLER
(Coordenadora Técnica)

VITOR RAMALHO
(Analista de Cultura)

EXPOSIÇÃO ENTRE MONTES BRANCOS E ESPELHOS D'ÁGUA

Curadoria
JULIA BAKER

Coordenação de Projeto
BOMBA CRIATIVA

Projeto Expográfico e Arquitetura
CLARA GUERRA

Identidade visual
MARCELLO TALONE

Produtor Executivo
GUSTAVO CANELLA

Impressões Fotográficas (Wolney Teixeira)
HUMBERTO CESAR/CASA 2 IMAGEM

Assistente da Artista/ Impressões
(Bea Martins)
PEDRO VILAIN

Cenotécnica e Montagem
UIRÁ CLEMENTE

Assessoria de Imprensa
LYVIA RODRIGUES / AQUELA QUE DIVULGA

Agradecimento
WARLEY SOBROZA (especial)

Escola de Artes Visuais do Parque Lage
(EAV)

DENISE CATHILINA
GIODANA HOLANDA

FICHA TÉCNICA CATÁLOGO

Coordenação editorial
JULIA BAKER

Autores
JOÃO HENRIQUE DE OLIVEIRA CHRISTOVÃO
JULIA BAKER
MILTON GURAN

Design
MARCELLO TALONE

Registros fotográficos da exposição
CHARLES PEREIRA

Produção Executiva
BOMBA CRIATIVA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Elaborado pelo Bibliotecário Douglas Lenon da Silva (CRB-9/1892)

E61 Entre montes brancos e espelhos d'água / organização
Julia Baker; autores Julia Baker, João Henrique de Oliveira Christovão
e Milton Guran. – Rio de Janeiro: Do autor, 2023.
34 p. ; il.

ISBN 978-65-00-83510-6

1. Fotografia - Exposição. 2. Sal – Cabo Frio (RJ) – Exposição.
I. Baker, Julia. II. Christovão, João Henrique de Oliveira. III. Guran, Milton.

CDD 770.28

REALIZAÇÃO



SESC^{RJ}
PUL
SAR

PRODUÇÃO

**BOMBA
CRIATIVA**